

MANUAL
teórico-prático
DE arTes.drÁsTICAS



MANUAL
TEÓRICO-PRÁTICO
DE ARTES DRÁSTICAS

TOMO VIII
DO EXPERIENCIAR

VOLUME II¹
ENSAIOS CAPIROTOS

2014

¹ Obragem do Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura (GPMC) / Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR) / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

CAPUT DO MANUAL

Artes drásticas, neste Manual, são artes ditas não positivas no sentido hegeliano, ou seja, que escapam a qualquer plano de legitimação ou valoração determinada heteronomamente pelo poder instituído ou praticado. Artes drásticas, assim, a esses poderes, ou às suas concernentes razões apolíneas, não se constituem como artes lícitas. São *inúteis*. Rabiscos, *garatuñas*, ruídos sem sentido ou lógica. Paradoxalmente, aqui são valoradas como *desúteis*, como artes que não afirmam e nem operam premidas por quaisquer exigências externas de eficiência _prazos, urgências, medidas, precisão, forma padrão_, mas que primam pelas afectações poiéticas que possam suscitar. São artes que se manifestam em sua drasticidade, na pura superfície de seu expressar-se e no tempo de um presente que nunca se presentifica, enquanto evidenciação de devires sem início ou fim ou trajetória ou direção fixas. São artes do revolucionar-se, de um obrar louco que inventa em suas criações as próprias e momentâneas regras de seu obrar. São artes cujas criações são sempre e necessariamente de múltiplos e difusos autores, mesmo quando agenciadas por um único indivíduo, persona que se faz singular nesse próprio obrar. São artes que, assim

sendo, autorizam-se ao roubo explícito e escancarado como modo poético próprio.



I

RASTROS² DO SEM-NOME QUE O DIGA³

ou

PISTAS

ou

DESNORTEAMENTOS

ou

PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALAMOS DE FLORES

ou

RASTROS DO SEM-NOME QUE O DIGA é um dos **ENSAIOS CAPIROTOS** que constituem o **VOLUME II** do **TOMO VIII "DO EXPERIENCIAR"**, do **MANUAL TEÓRICO-PRÁTICO DE ARTES DRÁSTICAS**. Enquanto tal, em sentido geral problematiza a **ideia de experiência** em seus termos usuais no senso comum e no chamado domínio científico. Dialogando implícita ou

² O termo 'rastros', usado com insistência neste ensaio, tem por referência significado a ele atribuído por Jacques Derrida. Cf. "La Différance", in Derrida, J. (2008). Márgenes de la Filosofía. Madrid, Catedra, pp. 37-62.

³ Autores: e Amanda Rosetti da Silveira e Eclea Pérsico de Moraes Mullich e Frederico Guilherme Bandeira de Araujo e Heitor Levy Ferreira Praça e Laura Souza Rêdes e Leticia Castilhos Coelho e

explicitamente, de modo crítico ou em sintonia, com abordagens emblemáticas sobre o tema _como as de Walter Benjamin, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jacques Derrida, Hans-Georg Gadamer, Ernst Cassirer, Martin Jay_, apresenta três escrituras rastro distintas, ainda que absolutamente imbricadas, que argumentam de modo fragmentário, não linear e descontínuo sobre idiações que associam ao termo 'experiência' enquanto agenciamento coletivo de enunciação. São escrituras (escritos, imagens) que, mais do que predicar qualquer coisa, buscam provocar múltiplas linhas de fuga a se conectar ou disjuntar na singularidade de cada leitura. Em pertinência ao Manual em que se insere, o ensaio constitui-se como um discurso drástico, ou seja, como um dizer que escapa a qualquer plano de legitimação ou valoração determinada heteronomamente pelo poder instituído ou praticado. A esses poderes, ou às suas concernentes razões apolíneas, portanto, não se constitui como um ensaio lícito. Seria algo inútil, não mais do que junção aleatória de rabiscos, garatujas, palavras, narrativas sem sentido ou lógica. Paradoxalmente, os autores, reiterando o espírito do Manual, o valoram como desútil, como dizer que não afirma e nem opera premido por quaisquer exigências externas de eficiência _prazos, urgências, medidas, precisão_, mas que prima pelas afectações poiéticas que possa suscitar. Trata-se de um discurso

que se positiva na pura superfície de seu expressar-se e no tempo de um presente que nunca se presentifica, enquanto evidenciação de devires sem início ou fim ou trajetória ou direção fixas.

Como apontado, compõe-se de três escrituras rastro que se tramam rizomaticamente: **RASTRO SETE-PELE: DESINVENTAR PROFUNDEZAS, RASTRO BELZABU: INVENTAR ESTRATÉGIAS SUPERFÍCIES** e **RASTRO DIANHO: DEPOIS DO HORIZONTE AZUL OU PARA O INFINITO E ALÉM, AQUI**. O primeiro problematiza direta e explicitamente a palavra experiência no ensejo (inviável) de dizê-la cabalmente de modo não-ontológico, aliás, pretensão utópica subversiva de todo o Volume II do Manual. Rastro Belzabu procura imbricar os verbos experienciar, territorializar, agenciar e narrar, borrando essa trama por meio de imaginações suscitadas pelas palavras labirinto e deserto. O último, Rastro Dianho, é uma redobra sobre si mesmo dos rastros agenciados, sob a forma aparente de um testemunho. Cada uma dessas escrituras, montada como coleção fragmentária de dizeres, não se pretende explanação apodítica sobre qualquer coisa, mas sim provocar aos leitores, em cada ato de leitura, uma experiência enquanto devir ler-agenciar-narrar sobre o experienciar enquanto devir agenciar-narrar.

*

;! Advertência (ou) a quem interessar possa !;

Nos rastros que seguem experienciarás

(mas o que será isto?)

vários nomes próprios

(ISAuraHEITORRaQUELHERMOgenesSETE-

PEleFREdericoMARIAbonitaAtacAMALAURAarturoBELAno

eLEAverAferREIraAMandaLEtícia,...),

outros tantos substantivos

(rio, deserto, abismo, morro, rastro, cocô, ...),

certos predicados

(azul, rococó, diabólico, sensorial, imperscrutável, ...),

um bom número de pronomes pessoais,

e ainda não poucos artigos definidos e indefinidos.

Não obstante a função específica de cada uma dessas formas

gramaticais na escritura, aí operam, entretanto,
mesmo quando não rasuradas, mais como jogadas estratégicas
a potencializar a multiplicidade de sentidos,
a constituição de paradoxos, a desestabilização do verbo ser.
Operam como estratégias a poieticar.

[]

...

·

·

|

·

|

·

·

|

·

|

·

|

·

|

·

|

·

|

·

|

·

...

[]

RASTRO SETE-PELE:

DESINVENTAR PROFUNDEZAS

RASTRO SETE-PELE-- - - - - -

--- SETE-PELE-RASTRO-SETE-PELE

SETE-PELE RASTRORASTRORASTRO

----- RASTRO

SETE-PELE-PELE-PELE--- - - - -

- --- --PELE PELE PELE PELE

RASTRO SETE-PELE

-RASTRO-RASTRORASTRO-RASTRO-RASTRO

RASTROSETE-PELE

SETEPELESETEPELESETEPELESETEPELESETE

SETE-

-PELE



RASTRO SETE-PELE: DESINVENTAR PROFUNDEZAS

.....Arranco

Leio a escritura que segue.

Digo a Isaura este arranco.

Rastro Sete-Pele é uma escritura que se diz rastro sete-pele. Que se diz, portanto, um tipo de rastro cujo atributo nomeia sete-pele.

[Sete-Pele assim não constitui o nome do sujeito de uma fala, mas expressa um predicado desta escritura. Trata-se de um predicado ambíguo, nem bem, nem mal, nem justa mediação ou qualquer extrapolação trágica. Predica potência pura, capetamente não constrangida por monumentos de valor. Não é dito heteronomamente como atributo inerente ou agregado à escritura, mas é constituído na argumentação do próprio ensaio como um devir de desestabilização do que é dito. Rastro Sete-Pele, assim, não se autofunda a priori em qualquer origem ou destino externos e nem num centro totalizador e conciliador de sentido. Dobra-se e desdobra-se em paradoxos como modo de não falar, falando. Não

expressa relações causais, mas diz **rastros de rastros em agenciamentos que se abrem ao infinito.**

Rastros, então, que se tramam pela positividade de suas diferenças, pelo que **ecoam, reverberam, distorcem, agregam, sobrepõem, cortam, insistem, estilhaçam, sublinham, colorem, obscurecem, iluminam, traduzem** uns aos outros que já sempre estarão tornando-se outros outros. A imagem heroica de Rastro Sete-Pele é o labirinto. Sua estética é o rococó. Esse o seu diabólico. Se diz movimento catástrofe (catastrofar). Arruinamento. Abismo.

Desse modo, este arranco dito a Isaura não se constitui enquanto uma mise-en-scène de Rastro Sete-Pele, mas como um movimento impetuoso de mise-en-abîme. Estilhaçamento da esperança conciliadora dos fragmentos. Mise-en-abîme da palavra experimentar]

Mas e Isaura a quem digo este Arranco?

Digo a mim Isaura dizendo(-se) a mim.



[Suportar o cair da intensa turbina de inúmeros fluxos e de possibilidades de expressões torna-se condição? É tudo rabisco. Como se fosse em forma de vento. Pelos a voar para baixo e braços na altura da cabeça. Estás a gostar e temer. A lógica arborescente é aborrecente e tu desejas o humor. Simples o desenho. Te dás conta que estás a rizomar. Que estás sendo rizoma. Que estás a viver Aionamente num processo de desestruturação começomeiofim. Mas Chronos permanece. É aí que pontos de parada são estabelecidos (a toda hora). Criam-se espessuras e substâncias. Segmentos e fragmentos finitos. Sujeitos centrados, verbos ser e outros a ele sujeitados, objetos diretos e indiretos. Desse modo constituís a mim na tua cabeça, sulcando-me em ti. Constituis a mim me dizendo Isaura, salvando esse nome em ti. Dizendo esse nome como o que diz e o que não diz alguém. ~~Isaura~~]

Partiu Rastro Sete-Pele.....







LAMPEJOS em tardes [e manhãs e noites e tardes e] de maio
e também de junho, ah! e ainda de julho e até mesmo de agosto.
Desculpem, mas até de setembro.

- *Sendo uma vez, sendo muitas vezes,* a palavra experiência. Tão comum, tão aparentemente sem ardis, sem surpresas, jeitinho de moderna. Portadora de alguns poucos sentidos poderosos e aparentados, bem conhecidos e definidos, todos apolíneos, límpidos e rutilantes como farda de soldado em dia de parada.
- *Sendo uma vez, insistindo muitas vezes,* um incômodo com a palavra experiência.
- *Sendo uma vez, insistindo muitas vezes,* o intuito temeroso de enfrentar esse incômodo.
- Esta escritura atua (imagina atuar) a palavra experienciar de modo a instituí-la como discurso em tensão com a regência do verbo ser. Assim, nesse agir capiroto, o termo experienciar não traduz e nem remete a algo nomeado em sentido comum como experiência (ato finito encerrado em si mesmo, encontro percepção viva entre presenças constituídas hierarquicamente sujeito e objeto, em si e por si autônomas e antecedentes ao encontro, que se dá em momento e local situados num determinado presente passado de um tempo linear e homogêneo. Ato passível

de memória e testemunho de coisas ou estado de coisas). Este anunciado atuar dianho, entretanto, tensiona com, mas não deixa de supor fazer-se sob o ameaçar constante da regência totalizadora que suscita a palavra experiência. Nem nega o remetimento dessa palavra a efetuação de coisas ou de estado de coisas. Seja com for, entre receios e anseios, atua experienciar como devir louco: movimento infinito sem origem e destino, não de coisas ou estado de coisas enquanto presenças ou mesmo predicados, mas de proliferação de sentidos languageiros, de modulação de intensidades do que denomina acontecimento. Experienciar assim auto-referido, portanto, constitui-se no agenciar tramas de palavras que sugerem sentido(s) (como o que acontece no acontecer) num presente sem duração, que nunca é, mas que se faz e refaz sem parar enquanto movimento tempofágico infinito que metaboliza futuro em passado: tempo de Aion. Esse dizer experienciar, em concernência, declara-se pura superfície, não pra se dizer face aparente de uma profundidade oculta, mas pra se afirmar manifesto desierarquizante que escapa a essa dualidade.

→

→

→ Sendo uma vez (e não sendo outras) a escritura

"Isaura experiencia".

→

→

→ "Isaura experiencia". Tomar essa escritura ao modo diabólico enunciado, no intuito de dizer um sentido a ela, por efêmero que possa ser o que possa ser dito, enquanto também um (outro) experienciar, quer dizer considerar que o nome Isaura não indica um sujeito experienciador (uma presença), nem que o verbo experienciar significa previamente qualquer coisa, especialmente o confrontar sensorial / racional / subjetivo de uma suposta presença com alguma alteridade, também presença em si e por si. Quer dizer, como rasura a esse experienciar como relação de presenças, que a escritura "Isaura experiencia", entendida como narrativa a (n-1)⁴, não dizendo então de coisas ou estados de coisas autônomas e independentes a esse dizer, ainda que assustada por esses fantasmas e por vezes

4 Cf. "Introdução: Rizoma", in Deleuze, G. e Guattari, F. (1995). Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia. V1. Rio de Janeiro, Editora 34, pp. 11-37.

incorporando-os conciliadoramente, sugere um agenciar⁵ múltiplo de palavras que constitui como trama de intensidades ao mesmo tempo um 'si' mesmo, outros desse si, os modos de tecedura ou jogo entre eles (regras do jogo) e o devir desse jogo.

→

→ Assim, "Isaura experiencia" pode ser dita também sob a forma "Isaura agencia". Experienciar diz agenciar. Agenciar que, pelo expor aqui feito, afirma-se como diferença: temporizar como temporalizar e espaçar, "hacerse tiempo del espacio, y hacerse espacio del tiempo"⁶. Isaura é suposta nesse devir louco muitas Isauros que não se cristalizam como nenhuma Isaura. E também seus outros sincrônicos e diacrônicos são supostos múltiplos móveis. Assim sendo, esse dizer agenciar argumenta multiplicidade em trama móbil, ou se expressa como coletivo movente. "Isaura experiencia", dita neste agenciar de agenciar

5 Cf. Deleuze e Guattari, *op. cit.*

6 Derrida, *op. cit.*, p. 43.

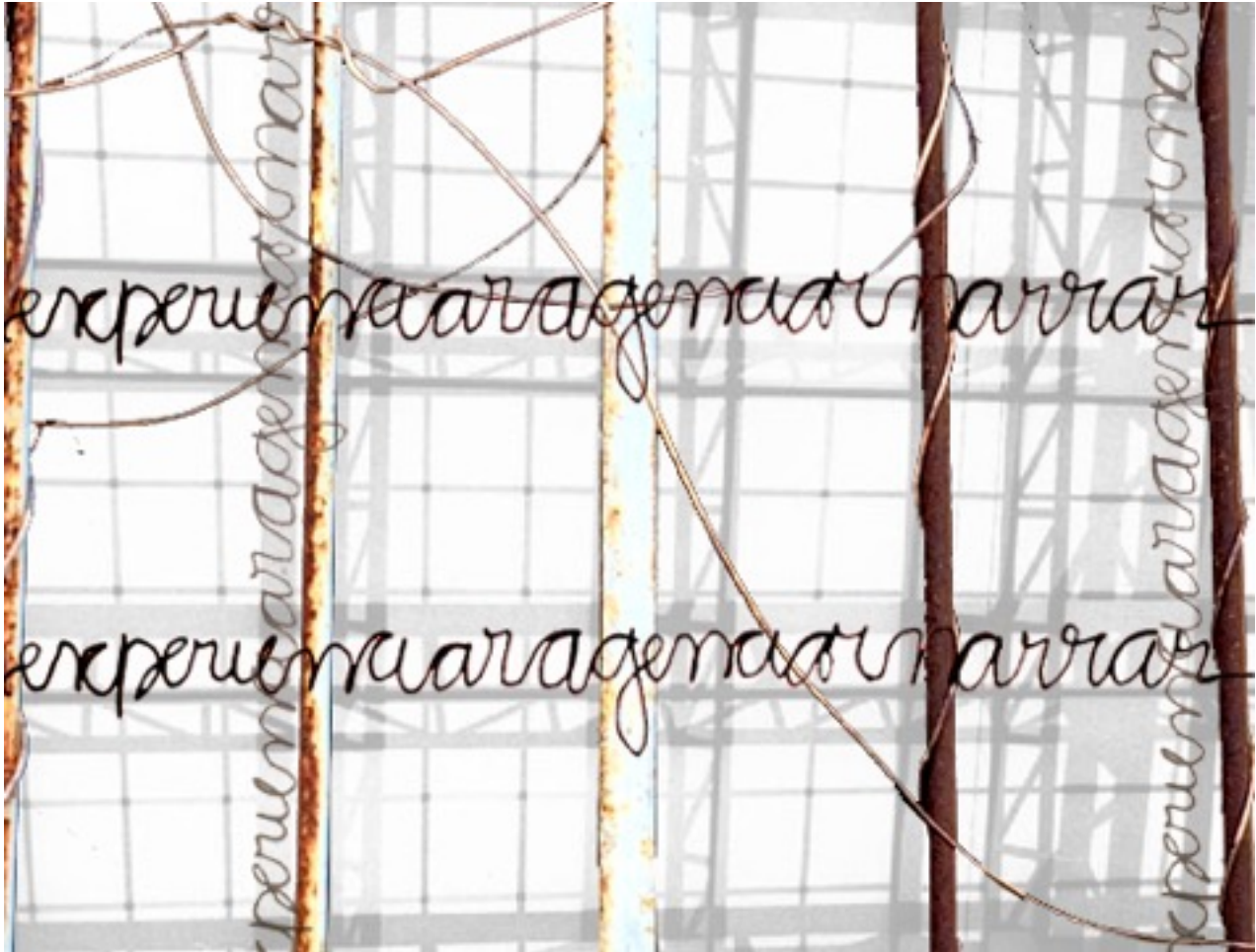
aqui escriturado, enquanto traço⁷ singular da escritura lida por ti neste instante que já foi, diz-se então enunciação (necessariamente) coletiva transformista. **"Isaura experiencia"** permite dizer, numa redobra palavrória ardilosa, que se trata de um constante tornar-se mais e menos experiente ao mesmo tempo. Não por comparação quantitativa de qualquer coisa, mas pela positivação paradoxal de um dizer tempo como inscrição e reinscrição contínua das palavras futuro e passado.

→

→

→ Toda essa labiríntica trama de palavras diz uma planura que, na limitada ou orientada linguagem disponível, pode ser mais complexamente expressa como

7 Nas escrituras o traço pode graficamente constituir-se, não somente como marca codificada ou signo pictórico, mas enquanto emaranhado de tramas produzidas por riscos e rabiscos sem tirar a ponta do lápis do papel. Os traços dos diagramas de Deleuze são irracionais, involuntários, automáticos, livres ao acaso, não representativos e não narrativos. Traços de sensação. Potência manual desenfreada, em que a mão se insubordina e deixa de ser guiada pelo olho. (Cf. Machado, Roberto (2009). Deleuze, a Arte e a Filosofia, Rio de Janeiro, Zahar, Parte 7: Deleuze e a pintura).





→ Neologismo que, não se referindo a coisas ou a conspiração entre coisas dadas, mas instituindo ambas discursivamente, como tal se faz rastro diferindo e se imbricando deferida pelo, e em deferência e contestação ao instituído. Rastro sem origem e destino, sem memória e utopia. Avesso a testemunhos e videntes. Enroscar desenroscar eterno rasurar origemdestinomemóriaautopiatestemunhovidente. O lá do cá, o cá do lá amalgamados no mesmo jogo de linguagem. Rastro, portanto, não mais do que palavra, que se autogera infinitamente outro numa infinita autofagia temporal.

→ Dizer **Isaura experiencia como agencia narra**, entretanto, configura uma tautologia, ou apenas um modo de falar tinhosamente que a palavra Isaura, procurando escapar à sugestão de qualquer tipo ser, enuncia uma inefável metamorfose ambulante que deriva e se metamorfoseia em tensão poiética com outras metamorfoses móveis que nomeia como ou Divas ou Heitores ou Ecneas, ou Lauras ou Dulces ou Fredericos ou Amandas ou Letícias ou Nélicas ou Helenas ou também Isauras e Racheis e Dianhos e Sete-Peles e Belzabus e. Nessa relação tensão indicações de sujeitos e objetos não passam de operações estratégicas de linguagem, ou seja, de jogadas de agenciarnarrar cujo valor é

dado pelo poder de potencializar linhas de fuga a insuspeitos
outros **agenciarnarrar**.

→

→

→ Essa tecedura se inventa rizoma como modo.

→

→

→

→

→

DÉLIBÁB⁸

→

→ Agenciarnarrar Isaura é como agenciarnarrar **deserto**, ou como **desertar** ou **deserdar**. **Abandono**. **Solidão** de **abismo**. Nenhuma referência pra frente ou pra trás, ainda que se siga ao mesmo tempo pra frente e pra trás, nenhum norte identificável a priori, nenhum dia, nenhuma noite a pontuar de saída os dizeres. Dizeres escrituras, agenciamentos **comerfalarcomerfalar**: Gobi, Sahara, Antártida, Kalahari, Kara Kun, Taklamakan Shamo, Thar, Bayuda, Branco, Chalbi, Danakil, Ferio, Nyiri, Richtersveld, Ténéré, Liso do Sussuarão (sem Medeiro Vaz e Hermógenes e Joca Ramiro e Diadorim e Riobaldo), Aral Karakum, Aralkum, Arábia (sem Lawrence e beduínos e turcos e otomanos, mas com o perdido Rei da Babilônia), Betpak-Dala, Badain Jaran, Cholistão-Thar, Dzoosotoyn Elisen, Hami, Karakum, Kharan, Kumtag, Kum-tagh, Lop, Ordos, Registan, Saryesik-Atyrau, Taklamakan, Tengger, Thal, Kyzyl Kum, Ustyurt, Qaidam, Gibson, Raso da Catarina (sem Lampião e Maria Bonita e Corisco e Volantes e Vera Ferreira), Pedirka, Sturt, Simpson, Strzelecki, Tanami,

⁸ Délibáb é palavra húngara derivada de déli (do sul) + báb (de bába: ilusão). Seu significado sintético é “miragem”. O escritor, compositor e intérprete gaúcho Vitor Ramil assim intitulou um de seus discos.

Tirari, Arenoso, Grande Victoria, Pequeno Arenoso, Nullarbor, Accona, Błędów, Ryn, Tabernas, Bardenas Reales, Cabo de Gata, Deliblatska Peščara, Hálendi, Sahara da Oltenia, Areias de Wahiba, Ad-Dahna, Dasht-e Kavir, Dasht-e Lut, Dasht-e Margoh, Dasht-e Naomid, Negev, Nefud, Rub' al-Khali, Tihamah, Agate, Alvord, Amargosa, Baja California, Black Rock,



→ Carcross, Chihuahua, Escalante, Mojave, Nk'mip, Owyhee, Smoke Creek, Sonora (sem Arturo Belano e Ulisses Lima e Cesárea Tinajero e Lupe e Alberto), Channeled scablands, Grande Bacia, Jornada del Muerto, Atacama, Sechura, Tatacoa, La Guajira, Médanos de Coro, Ka'ū, Rangipo.

*Ah, Isaura, hoje eu não posso ficar, digo com voz fraca,
desertos assim tão terríveis extinguem toda esperança.⁹ Mas como
arquitetar um caminho de fuga?*

⁹ Livre canibalização de parte de estrofe da Canção do Jardineiro em Carroll, Lewis, Sílvia e Bruno, apud Deleuze, G. (1974). *Lógica do Sentido*, São Paulo, Perspectiva, p. 29.



Ah, **Isaura**, hoje eu não posso ficar ... mas como arquitetar um caminho de **fuga**? Ah, **Isaura**, hoje eu não posso ficar ...

mas como arquitetar um **caminho** de fuga?

Ah, **Isaura**, **hoje** eu **não** posso ficar ... mas como arquitetar um caminho de **fuga**? Ah, **Isaura**, hoje eu não posso ficar ... mas como arquitetar um caminho de fuga?

Ah, **Isaura**, hoje **eu** não posso ficar ... mas como arquitetar um caminho de fuga? Ah, **Isaura**, **hoje** eu **não** posso ficar ...

mas como **arquitetar** um caminho de fuga?

Ah, **Isaura**, hoje eu não posso ficar ... mas como arquitetar um caminho de fuga? Ah, **Isaura**, hoje **eu** não posso **ficar** ... mas como arquitetar um caminho de fuga?

Ah, **Isaura**, hoje eu **não posso ficar** ... mas como **arquitetar** um caminho de fuga? Ah, **Isaura**, hoje eu não posso ficar ... mas como arquitetar um caminho de **fuga**?

;!fuga! fuga... fuga: : fuga?fuga! ; fuga?fuga, fuga: , , , fuga... ,

[DÉLIBÁB]

RASTRO BELZABU:

: INVENTAR ESTRATÉGIAS SUPERFÍCIES

Experienciar como territorializar. Nem sempre, mas algumas vezes capitais. Territorializar como experienciar, como um incorporal acontecer **agenciarharrar**.

Inventar labirintos ou inventar Negevs sem nome. Estratégia para batalhas imaginadas definitivas. Descaminhos a morte.

Descaminhos a esta palavra imperscrutável.

OS DOIS REIS E OS DOIS LABIRINTOS

Contam os homens dignos de fé (porém Alá sabe mais) que nos primeiros dias houve um rei das ilhas da Babilônia que reuniu arquitetos e magos e ordenou-lhes a construção de labirinto tão surpreendente e sutil que os varões mais prudentes não se aventuravam a entrar, e os que entravam se perdiam. Essa obra era um escândalo, pois a confusão e a maravilha são operações próprias de Deus e não dos homens. Com o correr do tempo, veio a sua corte um rei dos árabes, e o rei da Babilônia (para zombar da simplicidade de seu hóspede) fez com que ele penetrasse no labirinto, onde vagueou humilhado e confuso até o fim da tarde. Implorou então o socorro divino e deu com a porta. Seus lábios não proferiram queixa nenhuma, mas disse ao rei da Babilônia que ele tinha na Arábia outro labirinto e, se Deus quisesse, lho daria a conhecer algum dia. Depois regressou à Arábia, juntou seus capitães e alcaides e arrasou os reinos da Babilônia com tão venturosa sorte que derrubou seus castelos, dizimou sua gente e fez prisioneiro o próprio rei. Amarrou-o sobre um camelo veloz e levou-o para o deserto. Cavalgaram três dias, e lhe disse: "Oh, rei do tempo e substância e símbolo do século, na Babilônia, quiseste que me perdesse num labirinto de bronze com muitas escadas, portas e muros; agora o Poderoso achou por bem que eu te mostre o meu, onde não há escadas a subir, nem portas a forçar, nem cansativas galerias a percorrer, nem muros que te vedem os passos".

Em seguida, desatou-lhes as amarras e o abandonou no meio do deserto, onde morreu de fome e de sede. A glória esteja com Aquele que não morre.

¹⁰ Borges, J. L. (2001). "Os dois reis e os dois labirintos", *in* Borges, J. L. O Aleph - Obras Completas V. 1, São Paulo, Globo, p. 676.



RASTRO DIANHO:

DEPOIS DO HORIZONTE AZUL

OU PARA O INFINITO E ALÉM, AQUI.

Sendo uma vez (e não sendo outras) um hoje se explodindo, como todo dito hoje em cada movimento seu. Alucinadamente, um correr para frente e pra trás. Amanhã sempre e logo logo se tornará ontem.

Calçadeio ao longo de rio que não mais que ria (e não poderia ser diferente), mais rápido do que cocôs que nele merdam e boiam.

Margear. Atento despreocupar que, no entanto, desconforta o **desejar a outra margem.** E centra, orienta, norteia, esconde, sinaliza, referencia, indica, administra, guia, encaminha, bloqueia, decide, separa, conduz, não deixa, dirige, permite, ladeia. Aí meu deus! Que rumo rumar? Que território territorializar? Que mapa mapear?

Pra me tornar mais e menos tenso, digo Morro da Curiosidade Andarilha aquele **pra lá da margem de cá.**

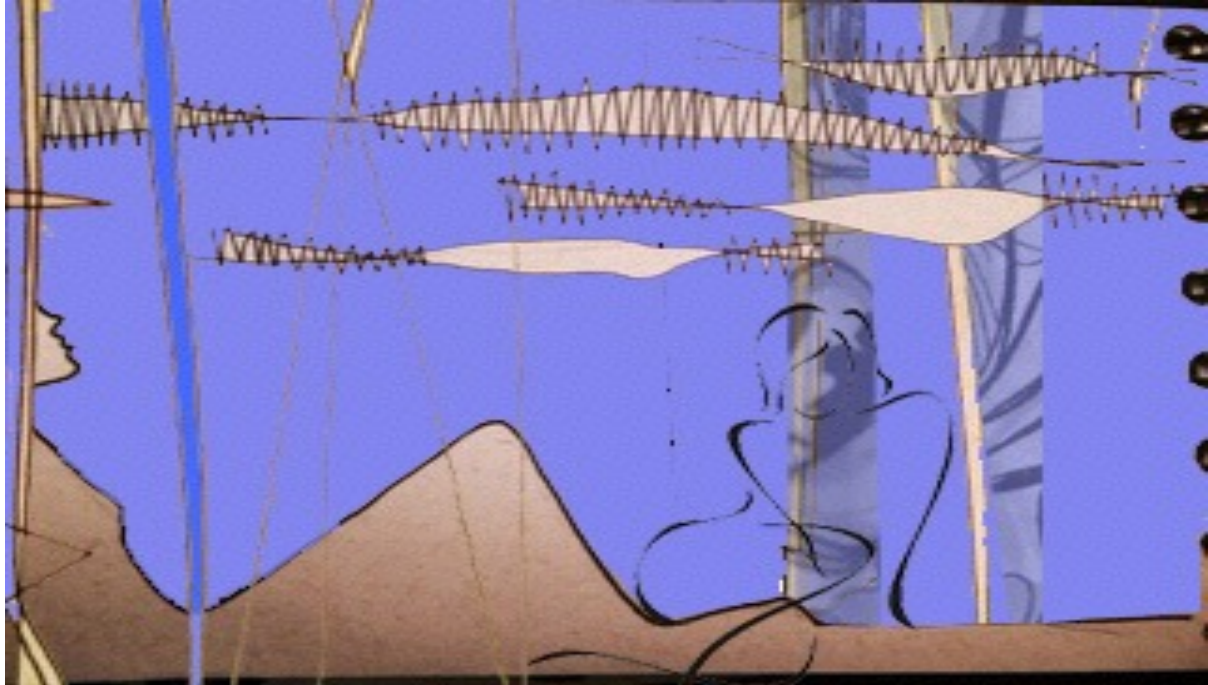
E **andar ando pra lá, de cá.** Desejar des-aquizar.

Chegar chego, de passagem, mas **já** outro desde antes, num **lá** misteriosamente tornado **aqui**. Rastros de múltiplos eus experienciam-me a tornarem-se outros rastros e a fazerem outros eus fugazes, ~~territorializam-me~~ num sofrego devorar **tempos a descolorir e espaços a entristecer** (inverno nessa movência). Num átimo, forte, centrado, reconciliado (mas, sem saber, iludido pela calma desse inventar-me monólito) digo a Rachel Thalberg:

"Ah! Lá horizonteira a azular. Aqui corporear calorea".

[Comer, falar, cheirar, falar, escutar, falar, tatear, falar, mover, falar.

Distinguir o aqui e o lá do aqui. Fazer lonjuras.]



Rachel, a belafuriar¹¹ medos, diz:
derivar perversa e terrífica, ora!

Silenciar.

Reter, deter, estancar, parar, fixar, prender, ancorar,
interromper, permanecer, ficar, imobilizar, habitar, cristalizar,

¹¹ “Palavra-valise” nos termos de Deleuze (Cf. *Lógica do Sentido*, *op. cit.*, Sétima Série: Das palavras esotéricas), indicando a disjunção bela-e-furiosa / furiosa-e-bela, a bifurcar a narrativa em que se insere.

estagnar, manter, refrear, segurar, memorizar, aferrar, firmar,
estabelecer, aprisionar, amarrar, cortar, fundear.

Contesto, aventureiro, a **palavrear alegações**.

Ruidar.

*Pular o reter, traspassar o deter, sangrar o estancar,
mover o parar, soltar o fixar, desamarrar o prender,
navegar o ancorar, continuar o interromper, fugazear o permanecer,
abandonar o ficar, movimentar o imobilizar,
ruar o habitar,
fluidificar o cristalizar, sacudir o estagnar, perder o manter,
acelerar o refrear, soltar o segurar,
esquecer o memorizar,
amolecer o aferrar, ~~rasurar o firmar~~, desalojar o estabelecer,
libertar o aprisionar, desenlaçar o amarrar,
costurar o cortar, alcear o fundear.*

Seduroicar¹² salva por três segundos, ou mais um pouco.

Rastrear como espelhar em espelho partido. Multiplicar eus e outros desses eus fugazes a se inventar e tramar em movimentar contínuo: acontecer acontecimentos¹³. **Agenciarnarrar:** falar eu

¹² Seduzir-e-heroicar (fazer-se herói), heroicar-e-seduzir, “palavra valise” como explicitado na nota anterior.

¹³ Cf. Deleuze, G. *Lógica do Sentido*, *op. cit.*, especialmente as Séries de Paradoxos Terceira: Da Proposição; Vigésima Primeira: Do Acontecimento; e Vigésima Quarta: Da Comunicação dos Acontecimentos.

peçonhento ou falar aquele que agora fala neste **escriturar**, que é teu ler neste instante, como anteceder e suceder desse riar / morrear / desejar que este mesmo escriturar diz que diz ao tu que ele silenciosamente sopra que aqui fantasmaia entrelinhas.

Esse / este **deslizar dianho**, inventado cidadear em que amanhã sempre e logo logo se tornará ontem, sem parar torna-se rastro gris, continuamente **mais e menos gris do que o azular** dito a Rachel Thalberg.

Anoitecer: deslumiar o ver que segue vendo.

Silenciar: desfonetizar a fala que não cessa.

Partir: distanciar Rachel que segue em mim.

Cidadear: comerfalarcomerfalar cores e formas e sons e fúrias. Comer o mundo falar (mas isso não é uma proposição? pergunta inquieta, em mim, Melpômene¹⁴). Falar o mundo comer. Aqui.

Aqui que logo logo se tornará lugar de outrora, digo.

¹⁴ Na mitologia grega, Melpômene é uma das nove musas, filhas de Mnemosine e Zeus. As musas nessa mitologia eram entidades a quem era atribuída a capacidade de inspirar a criação artística ou científica. Melpômene significa "poetiza" e é associada à tragédia como arte.

Antecipar um tu **agenciarler** que sem parar virá a ser
ou já foi, mas que nunca será.

Escriturar a esse fantasmagórico tu este Rastro Dianho.

]...[

*

Entrando por uma porta,
saindo por outra,
quem quiser que vá
agenciandonarrando
outra.
